



PERSPECTIVAS DE LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO NO CONTO “MARIA” DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Amanda de Macedo Moura Couto

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: amandamoura229@gmail.com

Márcia Helena de Melo Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: marciahelenad@yahoo.com.br

Ana Claudia Oliveira Azevedo

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: 98anaclaudia@gmail.com

2490

INTRODUÇÃO

O filósofo russo Mikhail Bakhtin (2016) assinala que todos os campos da atividade humana estão relacionados ao uso da linguagem e estabelecem seus “*tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2016, p. 12, grifos do autor). Vale ressaltar que, para os estudiosos do Círculo de Bakhtin, o uso da língua(gem), que ocorre sempre por meio de determinado gênero discursivo, situa-se socio-histórico-ideologicamente e não apresenta neutralidade. Na presente pesquisa, interessam-nos os gêneros literários — muito estudados pelo Círculo —, os quais se configuram enquanto fenômenos históricos profundamente relacionados à vida social e cultural.

Em se tratando do campo literário, a questão do cânone — *metiér* de validação (ou não) de obras literárias e de seus respectivos autores por críticos literários e/ou por historiadores que detêm poder cultural para credibilizar livros e escritores — precisa ser discutida, haja vista que sua configuração é mediada por uma força institucional cultural que legitima decisões particulares como sendo um discurso globalizante, conforme salienta Coutinho (1996). À vista disso, essa questão deve ser revista por uma perspectiva decolonial e antirracista, visto que, em pleno século XXI, o cânone se destaca por ser composto, majoritariamente, por homens brancos, homens negros que sofreram um processo de embranquecimento, mulheres brancas de classe média e, posteriormente, por mulheres negras.

Ocorre que, na literatura em geral, os afrodescendentes foram representados com um teor reducionista, como tema folclórico, exótico ou com estereótipos, como assinala

Realização:



Apoio:





Lobo (1993). Nesse ínterim, asseveramos a importância de estudos relacionados ao Letramento Racial Crítico, que, conforme Ferreira (2022), fornece subsídios para refletirmos sobre raça e racismo, bem como sobre seus impactos no dia a dia, nas identidades sociais e nas vidas dos sujeitos, ou seja, nos diferentes campos da atividade humana (BAKHTIN, 2016) dos quais participam, dentre os quais ressaltamos o campo literário.

Diante disso, considerando a necessidade de estudar e reconhecer a relevância da literatura afro-brasileira, neste trabalho, destacamos a obra da literata Conceição Evaristo, mulher negra que versa sobre a realidade na qual se circunscreve, abordando suas experiências e vivências, bem como as de sua comunidade. Trata-se, então, de uma escrita na qual as personagens construídas são socialmente complexas, transgredindo o viés que as invisibilizou durante um longo período pela supracitada literatura dos grandes centros.

Assim sendo, o objetivo deste trabalho é analisar um exemplar¹ do gênero discursivo *conto*, particularmente um conto da escritora Conceição Evaristo, sob o viés do *Letramento Racial Crítico*, o qual, conforme Ferreira (2022), consiste em um questionamento que gera desconstrução e reconstrução, visto que se trata de um pensar que se encaminha para “outras formas de ver a representatividade das pessoas” (FERREIRA, 2022, p. 221). Ressaltamos que, ao nosso ver, esse olhar precisa ser norteado, também, por uma perspectiva interseccional de raça, gênero e classe.

METODOLOGIA

A metodologia adotada para essa reflexão constituiu na seleção de um exemplar do gênero *conto*, retirado do livro *Olhos d'água*, da escritora brasileira Conceição Evaristo, e intitulado *Maria*. Com isso, realizamos uma análise qualitativa descritiva, a fim de refletir sobre diferentes aspectos desse texto, com base no Letramento Racial Crítico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No conto *Maria*, analisado a seguir, narra-se a história de uma mulher de mesmo nome, que, ao fim de mais um dia de serviço como empregada doméstica em uma casa

¹ Investigamos contos de Conceição Evaristo na pesquisa de mestrado intitulada “Escrivência e(m) diálogo: uma análise bakhtiniana da escrita de contos de Conceição Evaristo”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).



de família, pega a condução rumo à sua casa, onde seus três filhos a esperam. Na ocasião, Maria levava os restos de comida da ceia ocorrida no dia anterior na casa da patroa. No entanto, essa mãe não consegue entregar o alimento aos seus filhos, tampouco chega à casa, pois, durante a viagem, ocorre um assalto e, nesse ínterim, sua vida é ceifada por um linchamento coletivo realizado por passageiros do transporte público, que a acusavam, equivocadamente, de ser comparsa de um dos assaltantes: seu ex-esposo e pai do seu primeiro filho.

Desde o início do conto, em que se apresentam a personagem Maria e o espaço da narrativa — inicialmente, um ponto de ônibus —, observamos a humanização de uma mulher negra e empregada doméstica, socialmente invisibilizada e subalternizada. Já no primeiro parágrafo, o narrador onisciente apresenta os pensamentos e as preocupações de Maria com a alimentação e a saúde dos filhos, como podemos observar no excerto a seguir:

Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iam gostar de melão? (EVARISTO, 2016, p. 39-40).

Seguidamente, após Maria entrar no ônibus e ter sua passagem paga pelo ex-parceiro, mais uma vez, há um destaque aos seus sentimentos — “Quanto tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele.” (EVARISTO, 2016, p. 40) — e às suas lembranças de quando vivia com aquele homem. Nesse momento, observamos, também, uma humanização desse personagem masculino:

Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado [...] Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? [...] Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito... (EVARISTO, 2016, p. 40).

Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedido. Do buraco-saudade no peito dele... Desta vez ele cochichou um pouquinho mais alto. Ela, ainda sem ouvir direito, adivinhou a fala dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. (EVARISTO, 2016, p. 41).

Posteriormente, no conto, o pai do filho de Maria se levanta, e seu comparsa anuncia o assalto. Nesse momento, há, mais uma vez, um destaque para as preocupações de Maria: “Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da



vida. Tinha três filhos.” (EVARISTO, 2016, p. 41). Assim como no início do conto, a preocupação primordial da personagem refere-se aos seus filhos — trata-se da mãe que faz de tudo pelos seus descendentes.

Após a saída dos assaltantes, inicia-se um levante contra Maria, que — além de um jovem que muito se assemelhava a seu filho — tinha sido a única pessoa do ônibus a não ser assaltada e, por isso, é acusada de ser cúmplice dos assaltantes. Nesse momento, observamos, mais uma vez, a *desconstrução de um papel social estigmatizado*, dado que “ela [Maria] não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto” (EVARISTO, 2016, p. 41).

Essa humanização, porém, não está presente na visão das pessoas do ônibus, especialmente do primeiro passageiro a acusar Maria: “A primeira voz, que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: *Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!*” (EVARISTO, 2016, p. 41, grifos da autora). Após essa fala, mesmo depois de o motorista afirmar que conhecia Maria e que ela estava apenas voltando do trabalho, mantiveram-se as acusações. É nesse momento que chegamos ao clímax do conto: Maria põe sangue pelos ouvidos, nariz e boca, após ser linchada, e morre brutalmente.

Diante disso, um dos aspectos que nos chamam a atenção é o fato de o discurso de ódio do homem-passageiro, ao se referir a Maria, marcar, notadamente, a questão de gênero e raça, o que desvela o não-valor da mulher preta “que merece o linchamento”. Nesse sentido, o Letramento Racial Crítico se faz necessário e se mostra uma “excelente oportunidade de questionar criticamente as relações sociais pelo viés racial” (FERREIRA, 2022, p. 212).

À vista disso, por um lado, a narração demonstra o lado humano dos personagens, enquanto, por outro lado, a atitude dos passageiros do ônibus demonstra a visão da sociedade sobre os corpos negros, especialmente o corpo da mulher negra. Com isso, Evaristo parte de uma visão estereotipada e mobiliza o Letramento Racial Crítico para abordar a questão das identidades sociais de raça e suas interseccionalidades, mostrando o racismo e a misoginia que existem por trás dessas construções sociais, que ignoram toda a humanidade de sujeitos como Maria e o seu ex-companheiro, retratados no conto.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a ficção e a realidade se (con)fundem na escrita evaristiana, uma produção literária que descentraliza as forças coloniais, visto que a lógica hegemônica do eu e do outro é rompida por Evaristo em um processo de decolonização do pensamento e da formação literária diaspórica e afrocentrada. No que diz respeito à estrutura do conto, destacamos que, ao longo da narrativa, há uma mistura entre o relato das ações dos personagens, suas falas e emoções. Com isso, Evaristo mostra que Maria não era somente uma mulher negra que trabalhava como empregada doméstica. Era mulher e mãe. Tinha desejos, sonhos e preocupações. Seu ex-companheiro não era apenas um assaltante. Era homem e pai, com sentimentos de preocupação e saudades de seu filho com Maria.

Assim, as representações das personagens são contra-hegemônicas e rompem com estereótipos, além de denunciar violações de direitos humanos e chamar a atenção para questões como raça, gênero e classe. A análise do conto *Maria* ratifica o fato de que as identidades sociais de raça e suas interseccionalidades são construídas socio-histórica-discursivamente e desvela a importância do Letramento Racial Crítico para subverter a ordem canônica na literatura e na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo. Letramento Racial Crítico. Conto Maria.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

COUTINHO, E. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. *Revista brasileira de literatura comparada*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 67-73, 1996. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/37>. Acesso em: 19 ago. 2021.

EVARISTO, C. Maria. In: EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 39-42.

LOBO, L. Auto-retrato de uma pioneira abolicionista. In: LOBO, L. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

FERREIRA, A. J. Letramento racial crítico. In: LANDULFO, Cristiane; MOTOS, Doris (org.). *Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022. p. 207-214.